

Sobre o que tenho aprendido com o ensino e a pesquisa na Museologia LGBT

CAMILA A. MORAES WICHERS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.8 N.1 ANO 2023

RESUMO:

O texto explora a interseção entre Museologia e questões de gênero e sexualidade, destacando a importância da Museologia LGBT como uma prática que enfrenta as desigualdades sociais. A autora reflete sobre suas experiências acadêmicas na Universidade Federal de Goiás, enfatizando a necessidade de políticas de aliança entre pesquisadores e movimentos sociais. Ela menciona pesquisas, exposições e iniciativas que contribuíram para a construção de narrativas inclusivas e para o reconhecimento das memórias LGBT. A autora também homenageia o museólogo Samarone Nunes, ressaltando a importância de reconhecer e valorizar as vidas e histórias das pessoas que foram marginalizadas.

PALAVRAS-CHAVE: Museologia, LGBT, desigualdade, memória.

ABSTRACT:

The text explores the intersection of Museology with gender and sexuality issues, highlighting the importance of LGBT Museology as a practice that confronts social inequalities. The author reflects on her academic experiences at the Federal University of Goiás, emphasizing the need for alliance policies between researchers and social movements. She mentions research, exhibitions, and initiatives that contributed to building inclusive narratives and recognizing LGBT memories. The author also honors the museologist Samarone Nunes, emphasizing the importance of recognizing and valuing the lives and stories of marginalized individuals.

KEYWORDS: Museology, LGBT, inequality, memory.

Sobre o que tenho aprendido com o ensino e a pesquisa na Museologia LGBT

CAMILA A. MORAES WICHERS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.8 N.1 ANO 2023

“De quem são as vidas que não importam como vidas, ou são consideradas apenas parcialmente vividas?” Judith Butler

Ao percorrer rotas de pesquisa na Arqueologia, na Museologia e na Antropologia, campos acadêmicos nos quais tenho atuado, sempre busquei a articulação das teorias com a luta pela extinção das desigualdades sociais. Não obstante, foi a partir de minha inserção como docente do Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Goiás (UFG), em 2013, que minhas reflexões passaram a abordar as questões de gênero e sexualidade a partir do que estamos denominando como Museologia LGBT (BAPTISTA; BOITA; MORAES WICHERS, 2020). A meu ver, essa adjetivação não circunscreve essa Museologia a limites rígidos, mas enfatiza luta contra as injustiças, visto que os corpos marcados por gêneros e sexualidades não normativas, corpos colonizados, racializados e explorados pelo capitalismo, são as vidas que não importam, as vidas não viáveis. Dessa forma, ao começar esse texto com a questão de Judith Butler (2018 [2015]), sugiro que as políticas de aliança oportunizam encontros profícuos para essa luta.

Tenho estabelecido políticas de aliança com pesquisadoras LGBT, buscando realizar pesquisas e promover o ensino das museologias LGBT, feministas, periféricas, anticapitalistas, antirracistas e outras denominações necessárias para demarcarmos um campo em trânsito, de construção de contranarrativas e de atuação nas fissuras da colonialidade (SEGATO, 2012). É essa colonialidade que construiu um pretense sujeito racional, neutro, homem cis, heterocentrado, branco e proprietário, visando o controle, a exploração e o extermínio de distintos corpos e saberes.

Importa também me situar nesse debate, como mulher cis, periférica, filha de migrantes nordestinos na capital paulista. Mulher lida socialmente como branca, mas que carrega ancestralidades soterradas pela colonialidade. Uma mulher em um relacionamento heterossexual e mãe invisibilizada por não ter minhas crias aqui

Sobre o que tenho aprendido com o ensino e a pesquisa na Museologia LGBT

CAMILA A. MORAES WICHERS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.8 N.1 ANO 2023

comigo, no plano visível. Mesmo atravessada por eixos de subordinação que são cotidianamente reiterados na academia – esse lugar de privilégio que ocupo atualmente, e que insiste em violentar corpos não normativos, saliento que não ocupo um lugar de protagonismo na Museologia LGBT. É da troca, da escuta e do aprendizado com pessoas LGBT e com outras mulheres feministas, anticapitalistas e antirracistas, que emergem as ideias aqui traçadas.

Nos últimos oito anos, realizei, participei e orientei dezenas de pesquisas que dialogam com a Museologia LGBT, em especial, quando considerada essa política de aliança entre as arqueologias e museologias feministas, LGBT e queer (MORAES WICHERS 2017, 2018, 2019, 2021; MORAES WICHERS, AUDEBERT, Ana; QUEIROZ, Marijara 2019; MORAES WICHERS et al 2021). Essas rotas partilham da seguinte premissa: a masculinidade, essa invenção ocidental e moderna, violenta os corpos de mulheres e de pessoas LGBT, em especial, daquelas atravessadas por outros marcadores como raça, classe e geração, dentre outros. Passo, então, a mencionar alguns dos estudos que partilhei nessas rotas.

A monografia “Todo dia é uma resistência: uma proposta de museologia comunitária LGBT em Goiânia” de Alex de Oliveira Fernandes (2015), defendida no Bacharelado em Museologia da UFG, orientada por Jean Baptista e coorientada por mim, foi uma experiência especialmente relevante, por trazer um mapeamento dos espaços de sociabilidade e memória, sobretudo, de homens gays em Goiânia.

Jean Baptista e Tony Boita têm sido parceiros constantes, resultando em produções tecidas a seis mãos (BAPTISTA, BOITA, MORAES WICHERS 2020; BOITA, BAPTISTA, MORAES WICHERS, 2020), bem como em disciplinas, cursos, grupos de trabalho e ações de extensão na UFG e no âmbito do Seminário Brasileiro de Museologia (SEBRAMUS). Nesse percurso, vale ainda citar o papel do “Ser-tão – Núcleo de Estudos e Pesquisa em Gênero e Sexualidade da UFG”, onde tenho

Sobre o que tenho aprendido com o ensino e a pesquisa na Museologia LGBT

CAMILA A. MORAES WICHERS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.8 N.1 ANO 2023

mantido trocas instigantes com outros pesquisadores dos campos das ciências sociais.

As vivências nas exposições “Mulheres no Ser-tão Goiano”, realizada em 2016, com a curadoria de alunas da Museologia UFG, e “Transas no Ser-tão”, comemorativa dos 10 anos do Ser-tão e dos 30 anos do grupo feminista Transas do Corpo, ambas em disciplinas de exposição curricular ministradas por Tony Boita, foram centrais para a consolidação desses debates no Bacharelado em Museologia na UFG, a despeito das resistências encontradas no campo patrimonial, museológico e acadêmico.

Nos anos de 2018 e 2019, foram defendidas as dissertações no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFG (PPGAS-UFG), de Tony Boita e Samarone Nunes, respectivamente, “Cartografias etnográficas de memórias desobedientes” e “Nós museológicos: os discursos Queer nas exposições Homo (Queer Remixed) (2007) e Queermuseu - Cartografias da diferença na arte brasileira (2017)” as quais tive o privilégio de orientar. De um lado, uma cartografia das práticas resilientes e resistentes de memórias desobedientes, que se negam a aceitar as memórias compulsórias que nos são legadas nos museus e patrimônios culturais e, de outro, uma análise dos nós museológicos provocados pelas abordagens queer e o importante registro da exposição Homo (Queer Remixed), realizada em 2007 no Museu Antropológico da UFG, apagada nos debates da museologia brasileira. Em especial, alguns trabalhos começar a denunciar uma colonialidade interna em abordagens pretensamente críticas, mas que insistem em desconsiderar as museologias dissidentes realizadas nos ‘sertões’ do Brasil.

Em 2020, o cenário pandêmico expôs ainda mais as engrenagens que operam na destruição de corpos que não importam, demonstrando quais vidas são viáveis. Diante desse cenário, criamos a “Rede de ocupações e parcerias acadêmicas – ROPA”, uma iniciativa inicialmente pensada como coletivo de estudos e suporte

Sobre o que tenho aprendido com o ensino e a pesquisa na Museologia LGBT

CAMILA A. MORAES WICHERS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.8 N.1 ANO 2023

afetivo de pessoas orientadas em monografias e dissertações, bem como pessoas parceiras em projetos de pesquisa e extensão. A rede se fortaleceu e com um ano de funcionamento, decidimos caracterizá-la também como projeto de ensino, pesquisa e extensão na UFG. Karlla Kamylla Passos dos Santos foi a grande incentivadora da rede, composta hoje por cerca de duas dezenas de pessoas. Uma experiência vibrante e alentadora na ROPA foi a produção de um primeiro texto coletivo, tecido a muitas mãos (MORAES WICHERS, Camila A. de; SA, Aluane; SANTOS, Giovanna Silveira.; SANTOS, Karlla. Kamylla Passos dos.; ALVES, Luciana Bozzo; SILVA, Paula Cristina Almeida; CARNEIRO, Wynne B.; OLIVEIRA, Zilda V. S., 2019).

Em 2021, a monografia “A masculinidade hegemônica e a colonialidade no fazer museal”, de Leonardo Tavares Alencar (2021), oportunizou a mim, como orientadora, o avanço em algumas reflexões acerca das políticas de alianças que podemos estabelecer no intuito de provocar e subverter a masculinidade. Atualmente, participo como orientadora da pesquisa de doutorado de Paula Cristina de Almeida (2021), no PPGAS-UFG, que visa compreender “os processos de construção das memórias lésbicas/sapatão/zami”. Os doutorados de Giovanna Silveira Santos, também no PPGAS-UFG, e de Karlla Kamylla Passos dos Santos, na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa, nos quais também me insiro na orientação, abordam as teorias feministas decoloniais e interseccionais, e, mesmo que não enfatizem as sexualidades, têm me trazido muitas inspirações nesse sentido.

A Museologia LGBT tem me ensinado muito, como pessoa, mulher, feminista, profissional e educadora. Tem me ensinado a importância de políticas de aliança efetivas e afetivas, a olhar com desconfiança para discursos críticos que não sinalizam para uma prática emancipadora e a considerar que atuar nas fissuras na colonialidade significa dialogar com as políticas públicas – razão pela qual essa

Sobre o que tenho aprendido com o ensino e a pesquisa na Museologia LGBT

CAMILA A. MORAES WICHERS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.8 N.1 ANO 2023

abordagem se intitula LGBT ainda que considere as diferenças e a impossibilidade de uma sigla englobante.

Finalizo esse texto honrando a memória do museólogo e antropólogo Samarone Nunes, citado anteriormente, homem negro, pobre e gay, pessoa inquieta e provocadora da norma. Samarone foi assassinado pela necropolítica que fez com que a pandemia da COVID-19 se alastrasse de forma tão violenta em nosso país. São corpos como os dele os mais vitimados. Deixo meus agradecimentos a ele e as pessoas, citadas aqui ou não, que têm me ensinado uma Museologia LGBT plena de potencialidades e de vida.

Referências:

ALENCAR, Leonardo Tavares. A masculinidade hegemônica e a colonialidade no fazer museal. Monografia, Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Goiás, 2021.

ALMEIDA, Paula Cristina. Projeto de Doutorado (em construção). Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás, no prelo, 2021.

AUDEBERT, Ana; MORAES WICHERS, Camila A de; QUEIROZ, Marijara. Interfaces críticas entre Museologia, Museus e Gênero In: Museologia e suas interfaces críticas: museu, sociedade e os patrimônios. Editora UFPE: Recife, p. 96-110, 2019.

BAPTISTA, Jean; BOITA, Tony; MORAES WICHERS, Camila A de. LGBT Memory Project: A 'Queer of Colour Critique' Approach in Latin America and Caribbean Museums. *Museum International*, v.72, p.188 - 199, 2020.

Sobre o que tenho aprendido com o ensino e a pesquisa na Museologia LGBT

CAMILA A. MORAES WICHERS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.8 N.1 ANO 2023

BOITA, Tony. Cartografia Etnográfica de Memórias Desobedientes. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás, 2018.

BOITA, Tony; BAPTISTA, Jean; MORAES WICHERS, Camila A. de. O que é Museologia LGBT? Revista Memória LGBT, v.7, p. 4 - 9, 2020. BUTLER Judith. Corpos em aliança e a política das ruas: notas sobre uma teoria performativa de assembleia. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2018. Publicado original em 2015.

FERNANDES, Alex de Oliveira. Todo dia é uma resistência: uma proposta de museologia comunitária LGBT em Goiânia. Monografia, Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Goiás, 2015.

MORAES WICHERS, Camila A de. Arqueologia, museus e identidade cultural: tensionamentos queer. Revista de Arqueologia Pública, v.13, p. 199 - 217, 2019.

MORAES WICHERS, Camila A de. Museologia, feminismos e suas ondas de renovação. Revista Museologia & Interdisciplinaridade, v.7, p. 138 - 154, 2018.

MORAES WICHERS, Camila A de. Narrativas arqueológicas e museológicas sob rasura: provocações feministas. Revista de Arqueologia, v.30, p. 35 - 50, 2017.

MORAES WICHERS, Camila A de; A LEITE, Letícia B. R. Editorial. Dossiê Arqueologia, Patrimônio e Gênero: provocações feministas. Revista de Arqueologia Pública, v.16, p. 1 - 5, 2021.

MORAES WICHERS, Camila A. de; SA, Aluane; SANTOS, Giovanna Silveira.; SANTOS, Karlla. Kamylla Passos dos.; ALVES, Luciana Bozzo; SILVA, Paula Cristina Almeida; CARNEIRO, Wynne B.; OLIVEIRA, Zilda V. S. Entre nós: leituras e olhares feministas sobre a representação das mulheres em narrativas arqueológicas e visuais. Revista de Arqueologia Pública, v.16, p. 205-228, 2021.

Sobre o que tenho aprendido com o ensino e a pesquisa na Museologia LGBT

CAMILA A. MORAES WICHERS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.8 N.1 ANO 2023

NUNES, Samarone da Silva. Nós museológicos: os discursos Queer nas exposições Homo (Queer Remixed) (2007) e Queermuseu - Cartografias da diferença na arte brasileira (2017). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás, 2019

SEGATO, Rita Laura. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. E-Cadernos Ces 18, Epistemologias feministas: ao encontro da crítica radical, p. 105-131, 2012.

SOBRE AS AUTORIAS:

Camila Azevedo de Moraes Wichers, Universidade Federal de Goiás

Doutora em Museologia pela Universidade Lusófona e em Arqueologia pela Universidade de São Paulo – Professora de Museologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás - UFG. E-mail: camilamoraes@ufg.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8996-7183>

RECEBIDO em: 02/07/2022

APROVADO em: 21/08/2022